



# PARA ALÉM DAS LIVES

## entrevista DJ Bill

Olá, este é o segundo episódio do **PARA ALÉM DAS LIVES**.

Eu sou **Frederico Pessoa** e este podcast é fruto de um projeto de pesquisa realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Hoje a conversa é com o **DJ Bill**, músico, DJ e pesquisador de registros fonográficos, discos que contam uma parte da história da música brasileira que poucos conhecem. Com uma trajetória mais do que consolidada, conhecido no país e no mundo não só através do Brasil Profundo mas também pelos seus sets, sempre com discos de vinil, **DJ Bill** está com o Memória Música Minas no ar, verdadeiras aulas sobre a história da música em nosso estado. Aqui, ele nos fala sobre como transitou pelo espaço virtual durante a pandemia e ampliou sua inserção em redes nacionais e mundiais a partir de sua atuação online.

**PARA ALÉM DAS LIVES:** música e Tecnologia pós pandemia

**Frederico:** Então assim, para começar... Desculpa, nem me apresentei direito, meu nome é Frederico, né? Eu estou com essa pesquisa que se chama “Para Além das Lives: música e tecnologia pós-pandemia”, e é uma ideia de conversar sobre como foi esse processo de estar na pandemia e tentar fazer a música acontecer utilizando as tecnologias de comunicação. Que lugar elas tiveram. Não é só isso, mas vou deixar por aí, só pra explicar para você como é mais ou menos a pesquisa. E a pergunta que eu queria começar... Assim, que a gente pode começar a conversar... Você [podia] falar um pouquinho da sua trajetória mesmo. Acho que pode ter uma introdução nisso, sabe? Como é que você entrou na música e como é que você está inserido neste momento. Assim, eu sei um pouco, mas é legal porque fica registrado também.

**DJ Bill:** Eu me chamo João Gabriel Morais Passos, também conhecido como DJ Bill. Eu sou músico, DJ e pesquisador. Trabalho com música há cerca de 15 anos. E sou músico e estudante desde pequeno. Desde cerca de 14 anos de idade, eu já pesquiso música, toco instrumentos. Eu fui ser DJ por acaso. Já era músico, tocava,

estudava música em cursos livres, como a Arena da Cultura. Fui bolsista na Fundação de Educação Artística. Cheguei a tocar em concertos de música clássica, música erudita, música popular.

Fui ser DJ por acaso, a convite de amigos para tocar em exposições de grafite, arte urbana. Comecei tocando ali nos Centros Culturais, no Maletta e depois no Bordello, que era ali do lado do viaduto de Santa Teresa. Cheguei a tocar em festival de jazz. Cheguei a tocar em outros estados, como o Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Paraná. Cheguei também a tocar em outros continentes, em países da Europa, como Portugal e Alemanha. E cheguei a tocar também em Moçambique, no continente africano.

**Frederico:** Bacana demais, bacana demais. E aí... Então você já tinha sua carreira bem estabelecida, pelo que entendi. E... Acho que seria interessante também você falar quais instrumentos você tocava, assim... Se teve algum que você estudou mais. O Arena é incrível e a Fundação também. Então você já tinha uma carreira super estabelecida, né? Devia estar tocando em vários lugares aqui em Belo Horizonte também, imagino. Que é uma cena já super consolidada. E antes da pandemia, como é que era isso? A sua carreira foi se consolidando a partir dessa trajetória que você falou, né?

E você já tinha locais fixos, já estava com uma agenda que estava desenhada... Uma estrutura fixa ou você ia agendando coisas, quer dizer tinha um uso de redes sociais, tinha um uso de ferramentas de comunicação para alavancar isso? Ou você já estava muito numa coisa mais estruturada, e nem lançava mais mão disso? Ou lançava dentro de uma certa... Quer dizer, quanto você lançava mão ou não disso, né? Dessas tecnologias de comunicação para o seu trabalho. Mas acho legal, só retomando o que você falou de início (muito legal sua trajetória), você [podia] falar um pouco mais disso, dos instrumentos que tocava e tal. Há quantos anos você já é DJ? [Falar] se você continua tocando ou não, se tá só como DJ. Seria legal.

**DJ Bill:** Eu estudava violão, tanto música erudita quanto música popular. Cheguei a tocar outros instrumentos, como Marimba de vidro. Cheguei a construir instrumentos também, [uma certa] luthieria na minha carreira. Eu já tocava, tinha uma carreira consolidada, mas ao mesmo tempo, essa carreira de músico, ela é uma, ela é uma roda gigante, né? Às vezes você tá bem, às vezes você não tá. A gente tem que criar novas... [Tem que estar] sempre criando novas coisas, né? Isso desde antes da pandemia. Criando novos lugares. As coisas são muito “moda”: às vezes enche muito e às vezes não dá nada. Eu sempre utilizei a tecnologia no meu trabalho. Já mantinha contato com outras pessoas de outros estados, outros países, bem antes de utilizar a internet, por meio de cartas. Trocava discos.

E com a internet, o Instagram, o Facebook, eu fiz muitos contatos no mundo afora. Foi inclusive por causa disso que eu cheguei a ir para outros países, né? Para a Europa, primeiramente. Para a África, já foi um outro convite. Foi um convite para eu tocar lá, porque eu

já pesquisava muito Afrobeat. Já conhecia um pouco do Rap de Lá. Então essas coisas vão acontecendo também naturalmente, né? O caminho que a gente vai trilhando.

Mas na pandemia eu comecei a pegar muito mais firme no trabalho na internet, tanto que o meu Instagram cresceu bastante. Praticamente umas três vezes mais. E isso foi trabalho de anos. Em dois anos, eu tripliquei os contatos. Consegui monetizar. Consegui me manter só com trabalho pela internet. Tanto tocando, fazendo colaborações, fazendo trabalhos maiores como curadoria, convite para tocar em eventos online, festas importantes ao redor do mundo como Nova Iorque, Califórnia, Japão...

**Frederico:** Achei muito legal o que você falou. E me chamou a atenção [uma coisa] que você disse. Quer dizer, então você já tinha uma estrutura para articular coisas, né? Essa necessidade que você falou de ir atrás e de construir esses espaços constantemente, mesmo como DJ. Você falou que você teve a coisa da música, fazendo eventos, tendo convites. Você começou nesse caminho e já estava nele, mas aí sempre articulando. Com a pandemia você conseguiu fazer isso crescer, né? Acho que eu queria detalhar um pouco mais isso.

Como é que foi pra você? Você começou a utilizar mais o Instagram, começou a postar mais coisas? Foi uma articulação que você tentou entrar dentro da linguagem do Instagram? Porque ele tem uma linguagem, né? Um modo de funcionar e tal. Você tentou se adaptar a esse modo e foi seguindo aquelas propostas? Teve gente que fez até campanha de marketing mesmo, estruturada, né? Conheço um músico que fez assim: postagens não sei quantas vezes, com tais assuntos. Manter o movimento da conta, e tal. Se você pudesse detalhar um pouco mais, acho que isso ficaria legal para entender, né? Como é que você fez uso da ferramenta. Foi essa sua principal ferramenta? Houve outras também? Pra gente chegar nessa dimensão maior que você mencionou, de monetização e de articulação com coisas globalmente. Que é muito legal também. Mas primeiro isso, né? Como é que você fez? Como é que foi o seu uso dessas ferramentas? Você modificou, você se ajustou a elas? Criou caminhos próprios? Como é que foi esse movimento?

**DJ Bill:** Na pandemia, eu comecei a utilizar mais as redes sociais, né? Ficar mais tempo ali. A questão do isolamento, do lockdown. Comecei a pensar mais sobre isso. Apesar de eu já usar muito o Instagram antes da pandemia, como ferramenta de divulgação, eu comecei a usar com uma constância maior, né? Tipo, praticamente várias horas por dia. A monetização não foi pelo Instagram. A monetização, eu fui convidado por outros DJs, DJs famosos, para participar de eventos de discos de vinil, que era a coisa pela qual eu já era reconhecido. Várias pessoas de outros países conhecem meu trabalho por causa das minhas pesquisas de música brasileira, principalmente música lado B.

Então, uma galera importante do Brasil me chamou para participar de coisas ligadas ao disco de vinil como DJ, e fazer sets online. No começo, sem pretensões de monetização. Eu achava até uma ilusão isso, na verdade. Eu achava que muita gente chegou ali querendo ganhar dinheiro igual a artistas grandes estavam fazendo: [fazendo] campanhas porque não estavam tocando e as pessoas estavam doando. Eu não acreditava muito naquilo, porque muita gente estava desempregada também. Não tinha como fortalecer [contribuir com dinheiro].

Então, eu comecei a fazer lives na Twitch TV e no Instagram também. Mas na Twitch TV é que eu peguei mais firme, por causa da qualidade sonora e por causa de um outro público, né? Do mundo que não era aquele do Instagram, que eram outras pessoas. Inclusive, meu Instagram começou a crescer bastante. A Twitch TV é um canal de gamers que vários músicos e DJs começaram a entrar a partir da pandemia. Eu participei desses eventos de vinil e depois comecei a trilhar uma trajetória sozinho. Comecei a fazer programas temáticos e faço esse programas até hoje.

Eu já voltei a tocar em lugares. Já fui até para outros estados, de-



pois dessa retomada aí, depois de ter tomado a terceira dose da vacina, né? Já tava na hora de voltar, de tocar, trabalhar. Mas ainda continuo fazendo minhas Lives, porque eu tenho um público bacana lá. Tem pessoas que assinam o meu canal. Tem pessoas que fazem doações. Então, eu não pretendo parar tão cedo de fazer esses programas temáticos. Eu faço um programa na segunda-feira que se chama Segundas Intenções, um trocadilho com a segunda-feira, e toco também umas músicas lentas. E um carro chefe, um programa que foi bastante reconhecido por várias pessoas importantes no Brasil e fora dele, que é o programa chamado Brasil Profundo, em que eu toco música brasileira, principalmente lado B. Aquelas que não são tocadas nas rádios, que não tiveram seu reconhecimento, revivendo artistas da década de 60, 70 e 80 também. Tudo 100% vinil. E às sextas-feiras, eu fazia um programa que se chama Round Midnight, com uma pegada mais jazz, mas também agregando música em geral. Mas tinha aquela pegada Jazz. Bastante coisa de música instrumental brasileira e internacional, Afrobeat, fazendo um balaio musical.

Para entender um pouco mais a questão da monetização, no começo ali, eu não acreditava muito. Eu demorei uns três meses fazendo, assim, quase diariamente as Lives. Eu fazia umas quatro Lives por semana, em média. Eu demorei uns 3, 4 meses para ganhar um dinheirinho. E depois disso, foi aumentando o número de pessoas e o número de pessoas que se interessavam pelo trabalho. E teve mês em que eu paguei todas as minhas contas acumuladas. Aí eu comecei a ver aquilo com outros olhos. Comecei a investir. Até então, eu fazia com o computador muito básico, depois eu comprei umas câmeras. Fui dando um up, né? Nas coisas. Comecei a investir, comprar algumas coisas pela internet, convidar outras pessoas que eu não conhecia para fazermos coisas juntos. Fiz várias colaborações com DJs e artistas do mundo todo, fazendo programações semanais ligadas ao universo do vinil.

Eu também tive um momento, no ano passado, em que eu fiz uma brincadeira, na real! Eu chamei vários DJs do mundo todo que tocam vinil. Foram três dias ininterruptos, cada DJ tocando uma hora, um set de uma hora. Tocaram pessoas muito famosas. Eu recebi centenas de mensagens de pessoas falando que aquilo era mentira, [mensagens] de outras pessoas querendo tocar, e foi loucura, foi uma loucura! Tocaram pessoas muito famosas, como o DJ Maseo do grupo de rap De La Soul; tocou o Scratch Bastid, tocou o Zé Gon, que é o Zé Gonzales que tocava no Planet Hemp. Tocou muita gente. Tocou gente do Japão, gente da África, gente dos Estados Unidos, da Califórnia, do Canadá. Foi uma loucura total!

**Frederico:** Achei incrível! Muito legal. Eu queria que você falasse se você organizou isso com uma cara de festival, esse que você falou que foram três dias direto, né? Com DJs de todo o mundo: o cara do De La Soul, Zé Gonzales, um monte de gente e você... Se foi um festival, se teve um nome pra proposta, né? Ou se ela, foi acon-

tecendo assim na internet. Um evento, mas isso sem uma pré, assim, né? Sem uma pré-organização, uma pré-produção. Ou se teve uma coisa mais pensada. Mas teve, talvez, né? Chama a atenção para isso. Eu acho legal dizer pra ficar registrado aqui. Pra circular isso depois, também é legal.

E aí te perguntar isso: você começou a monetizar. Foi muito legal. Não foi no Instagram, foi mais Twitch, então, né? E aí você começou a fazer essas Lives todas no Twitch mesmo. E você falou de ir se articulando com outros DJs. E aí teve um movimento seu? Isso eu também queria saber. Assim... Você fez esse movimento de chamar? Você falou que você foi convidado para um monte de eventos e tal, que é muito legal. Queria saber também se você fez esse movimento, né?

Você já tinha uma articulação. Acho que isso tá surgindo a tempo inteiro aqui, essa coisa da rede construída, né? A rede [que] não é a rede necessariamente de internet. A rede de pessoas mesmo, né? Que trocam e tal. Você já falou que você vinha construindo há muito tempo, antes até da internet, né? Isso é muito legal. Mas aí, saber um pouco mais disso, né? Então teve esse movimento que foi meio que acontecendo, teve que você começou a articular coisas também, e que você foi chamado, né? Mas você conseguiu monetizar com as coisas que você estava fazendo, independente dessas articulações. E aí, foi mais uma coisa disso? A pessoa estava assistindo, e aí você tinha já essa estrutura de monetização que estava mesmo rolando, né? A pessoa podia fazer a doação via um canal qualquer... Foi mais por esse caminho? Ou você chegou a fazer nesse momento Inicial... Vou separar os momentos.

Acho que teve momentos diferentes para você, me pareceu, durante a pandemia. Nesse momento Inicial você conseguiu monetizar nesse sentido? Já teve também chamadas e tal? Já foi fazendo coisas pagas etc.? Ou primeiro foi mais essa manifestação da doação? Desse movimento que estava acontecendo mesmo? E depois é que foram surgindo outras coisas? Não sei... É só para detalhar um pouco mais isso. Desculpa ficar te incomodando com a mesma questão, né? Mas é só para detalhar um pouco mais. Porque eu achei muito legal e também chama atenção para esses eventos que você fez, né? Assim, para marcar mais.

**DJ Bill:** O evento que eu fiz o ano passado chamava WWW. Que era uma brincadeira com o comando ali da internet, com disco de vinil: World Wax Web. Então, eu fiz uma rede de todos os DJ de vinil do mundo que poderiam estar colaborando ali, de tocar um set de uma hora. Isso só foi possível por causa da pandemia, por causa da internet. Tem pessoas que tocaram que o cachê delas é U\$5.000,00. Então, a parada não era fácil, né? As pessoas conheciam meu trabalho e queriam tocar. Esse evento foi tão massa que esse ano eu fiz de novo e convidei pessoas diferentes, tocando vinil. Também durou um final de semana: sexta, sábado e domingo. Foi bem massa também, novamente.

É... Inicialmente a monetização era de estar ali. As pessoas faziam

doações bancárias: 10 contos, 50 contos. Depende, né? Do alcance dessa pessoa, né? De se ela tava trabalhando ou não. Pessoas que se sentiam tocadas. Era tipo quando a pessoa vai no evento. Ela gasta ali R \$10,00 de entrada. Então, pessoas viam ali que era justo dar um intera ali. Mas isso aconteceu, como eu disse, depois de alguns meses. E também o meu canal começou a monetizar. Como ele monetiza? As pessoas poderiam assinar meu canal, dando uma quantia mínima, como se fosse uns R \$8,00, sei lá. A plataforma também pega uma porcentagem. E tinha uns bits, que são tipo um dinheiro eletrônico que era para doações. Então, pessoas, tanto do Brasil como de fora, começaram a mandar esses bits, ajudar no canal. E depois de um tempo, ele foi crescendo.

Tipo, não foi fácil. No começo, eu tocava para poucas pessoas e é difícil, né? Um outro público, você tem que aprender a plataforma, ter um som legal, ter um vídeo legal. Então a coisa tem que ser aos poucos. Você tem que estudar as plataformas. Eu às vezes fazia Lives também no Instagram. Na Twitch, eu achava que era melhor. Pessoas diferentes que apareciam. Então foi isso. Foi uma série de... uma série de coisas que no final tiveram um resultado. Eu fazia esses contatos via WhatsApp e via Twitch também. Teve um movimento de me chamarem, né? Para eu participar, quando eu nunca tinha ouvido falar nesse plataforma, que era para gamers. Tinha ouvido falar, mas nunca tinha me ligado.

E depois, teve [isso] de eu criar, de eu desbravar ali. Pesquisar, ver outras pessoas que tocavam. E comecei a criar outros movimentos também, chamando outras pessoas. Pessoas que eu acreditava que seria massa ingressar ali, tanto para ver quanto para fazer também. Teve outros grupos, além desse, em que eu fui convidado. Pessoas que chegaram depois e também me chamaram para participar de coisas tanto do Brasil como de outros países. E eu comecei também a fazer um certo movimento, né? Convidando mais pessoas, organizando eventos específicos de som funk, afrobeat, música brasileira... E depois fazendo as meus programas sozinho. Tocando, sei lá, duas horas, quatro horas direto.

**Frederico:** Achei muito legal você falar disso também, desse processo de adaptação, de entender onde você está, né? Entender a plataforma, seja qual for. Pode ser ao vivo aqui, presente, pode ser virtual, né? Entender a situação em que está e se adaptar a essa situação. Bem legal. E aí se adaptar e ficar feliz também, com o que está sendo realizado ali. Saber que tá tendo o efeito que você deseja e tal. E as articulações, muito importante também! Achei bem legal. E aí eu queria te perguntar uma outra coisa, assim...

Quer dizer, você já me deu um panorama maior, né? As coisas como foram acontecendo... E mesmo as convites que vieram para coisas externas e tal, através dessa produção. Mas também esse trabalho de base, digamos assim, mais árduo, seu mesmo. E aí, te perguntar uma outra coisa: para além... Que tem a ver, mas não tem tanto. Você fez campanhas maiores? Assim, tipo, de financiamento coletivo para

algum trabalho específico? Nesse sentido de monetização mais ampla? Desse tipo de plataforma? E juntando uma segunda questão, que tem a ver, é conexa... Se você teve acesso ou tentou alguma coisa que tinha a ver com a lei Aldir Blanc nesse período. Eu sei que você falou que você foi se resolvendo de outras maneiras, né? Então talvez você não tenha nem lançado mão dessas duas opções. Mas queria te perguntar se, para realizar algum tipo de projeto específico, você lançou mão dessas plataformas de financiamento coletivo. E se você teve acesso a alguma coisa que veio da lei Aldir Blanc ou outra lei naquele momento: lei municipal de incentivo, por exemplo, dentro desse período de pandemia mesmo. Se você chegou a fazer uso.

**DJ Bill:** Eu fui contemplado pela lei de Aldir Blanc. E minha contra-proposta era fazer Lives, que era coisa que eu já estava fazendo. A lei Aldir Blanc demorou bastante para sair. Então, eu meio que fiz uma reciclagem de um projeto que eu já tinha feito que é de pesquisa da música mineira. E já tava fazendo Lives de música Brasileira. Fiz algumas específicas, temáticas, e propus isso na lei Aldir Blanc. Fui aprovado e executei esse projeto, que era de Lives temáticas sobre a música mineira em vinil. Foram 10 edições e um bate-papo. Foi bem bacana. Fiz lá na plataforma da Twitch e subi esse conteúdo para o YouTube também.

Mas vaquinha, alguma coisa assim... Eu nunca fiz financiamento coletivo. Antes da pandemia eu já fiz shows para angariar dinheiro para viajar. Quando eu fui viajar pra Europa pela primeira vez, eu fiz isso. A segunda vez que eu viajei para outro continente, para África, para Moçambique, foi com o projeto Música Minas, que pagava as passagens para artistas mineiros divulgarem a música de Minas Gerais em outros estados e países.

**Frederico:** Muito legal. Achei incrível, assim, o projeto. Você resgatou, mas é um projeto muito legal! Que bom que você pôde fazer também, né? E a Aldir Blanc realmente demorou muito a acontecer. Mas que bom, você conseguiu realizar uma coisa bacana através dela. Você já mencionou no início da conversa que você continua fazendo coisas online, embora já tenha voltado a tocar presencialmente. E você acha, sua opinião mesmo... Você acha que funciona bem essa coisa do online? Ou tem entraves? Você encontrou questões e você precisou se adaptar, né? Questões tecnológicas, inclusive de qualidade e tal etc.

Mas você acha que tem mais entraves, para além desses? Quais são as entraves que você encontrou que você acha que poderiam ser melhor solucionados? Até mesmo, por exemplo, a monetização desses canais. Não sei o que você acha que poderia ser melhor, né? Ser mais bem resolvido, para as coisas funcionarem a contento, para que a carreira musical possa se reproduzir bem nesses espaços virtuais. Não vou dizer da mesma forma, mas de uma forma equivalente a como ela transcorre nos meios presenciais.



**DJ Bill:** É uma questão um pouco complicada de responder com certa precisão. O ambiente online, o ambiente virtual, ele é marcado por momentos, períodos, né? Muita gente na pandemia estava praticamente dentro de casa, né? Então esse ambiente foi muito forte e as pessoas demoraram um tempo para entendê-lo como um tipo de trabalho, né? E também para as outras pessoas reconhecerem isso como um trabalho, como arte, né? Artistas muito famosos fizeram cachês muito grandes, enquanto artistas pequenos não ganharam nada.

E no online, no virtual, também não quer dizer nada um cara que era um pouco famoso. Às vezes eu me dei bem melhor do que pessoas que já eram famosas e não conseguiram monetizar. Porque não importa também quantas pessoas estão vendo ele ao mesmo tempo. O que importa é se aquelas pessoas vão ver ali um valor e apoiar. Às vezes tem muita gente vendo um artista, mas ninguém vai mandar R \$2,00 ou R \$10,00, não vai fazer nada, não vai assinar o canal. As pessoas só vão utilizar de graça. Eu vi várias situações. Vi pessoas famosas ficarem putas por não terem conseguido monetizar e acabarem largando aquilo ali depois de alguns meses. Pessoas que compraram equipamentos muito caros para fazer aquilo.

Eu só fui comprar uma câmera depois que eu já consegui ganhar algum ali. Então, o próprio dinheiro da coisa é que fez eu comprar outras coisas. Teve gente que comprou câmera de filmar de alta qualidade, placas de áudio, um monte de firulas e acabou não dando certo. As pessoas ficaram com raiva disso, mas no fim das contas quem tem que se tocar é o público, né? É conscientização do público. A conversa com o público, né? A interação com seu público. Eu demorei bastante tempo para ter um público que foi crescendo. É bem difícil. No começo, você fica, assim, com três pessoas te vendo. Depois vai para cinco. Depois vai para dez. E isso não é [ser] insistente o bastante. [Teve] uma época que tinha 12 pessoas me vendo. Eu já tava até um pouco desanimado. Sei lá. Tocando ali umas duas horas para 10 pessoas.

Só que é uma parada orgânica, né? Ela vai crescendo aos poucos. Você tem que ir divulgando no Instagram, mandar no WhatsApp para amigos. O mais engraçado é que poucos amigos colaram, e eu fui criando um outro público. Vários amigos começaram a ir depois que as coisas já estavam bem. Quando tava ali, com duas pessoas, já meio desanimando (lembrei de uma história aqui), eu fui ver quem tava ali me vendo. Quando eu vi que tinha uns três DJs dos mais importantes do mundo. Então eu vi que tão errado assim eu não estava! E essas pessoas começaram a me dar força, tanto me mandando dinheiro, me chamando para trabalhos, como para tocar em festas online com cachê. Às vezes, melhor do que os cachês que eram praticados aqui antes da pandemia.

A pandemia me fez até repensar o meu trabalho. O tanto que os festivais aqui no Brasil, e principalmente Belo Horizonte, querem pagar para um DJ. Não reconhecem um DJ como um músico. Apesar de ser um DJ, eu também sou músico. O DJ, ele é um músico. Ele tem que encaixar músicas ali. E a música é ritmo. Tem bons DJs e maus

DJs, assim como bons músicos e maus músicos. Então, a gente viu ali também a decadência do... Antes da pandemia eu vivia de música e às vezes eu brincava que eu não vivia de música, eu sobrevivia de música. Porque as coisas nem sempre são fáceis. Então, [online] às vezes eu comecei a ganhar cachês mais altos do que tocando em festas.

Agora as coisas estão voltando. Tô recebendo alguns cachês mais e outros nem tanto. E alguns eu nem faço. Porque às vezes eu prefiro curtir meu tempo livre, fazer as minhas coisas online também, pessoas me chamam para fazer curadoria de festivais, tocar em festivais online, e agora presencial também.

**Frederico:** Muito legal. Acho que você apontou umas coisas muito acertadas aí. E até mais do que pensar na questão da tecnologia, em si, da estrutura do espaço virtual, da relação, né? Da relação que as pessoas estabelecem com esse espaço e com os artistas. E como é que elas valorizam esse artista, né? Como é que elas olham para esse artista. Muito legal. Uma importante reflexão aí. Que bom que você persistiu e esses caminhos se abriram, né? Nesses contatos que estavam ali. Pessoas, como você falou, gente que estava assistindo, gente bacana, grande, né? E que acabou abrindo para você outras oportunidades. Muito bacana! Fico muito feliz que tenha tido esse caminho tão legal assim. E também, ao mesmo tempo, você falou da crítica que a gente tem que ter com outras coisas que não são legais no Brasil e tal. E que tem a ver com isso, com a valorização do artista, né? Que é do público, é do festival, é do produtor, sei lá. De quem tá envolvido com tudo isso aí. Bom, obrigado aí nesse ponto de novo.

João, te chamo de João mesmo, né? Bill é o DJ. Eu queria só te perguntar mais uma coisa. Primeiro, eu acho que não é o seu caso muito, né? Porque você não tem essa relação tão forte com o aspecto da técnica, do pessoal que tá ali por trás, estruturando. Acaba que os lugares tem essas pessoas, imagino eu. Festivais também, mas não é sempre. Mas eu queria saber se você teve a oportunidade de, de alguma forma, contribuir para... Acho que teve campanha, né? Campanha muito grande aí para o pessoal da Graxa, mas não sei se você soube de mais alguma outra coisa. Se você, de alguma forma, pôde ajudar alguém que estava nesse lugar.

E uma última... Com esse desgaste todo, esse processo de investimento que você fez, né? Ainda mais durante a pandemia, que foi um momento difícil para todo mundo por um monte de aspectos, né? Como é que foi pra você? Como é que você se sentiu? Como é que tava o seu estado de espírito? Sabe? Durante esse período. O grau de desgaste, de tensão ou de stress, enfim ou de não né? Ou de vontade de fazer, enfim. Pois também tem muitas atitudes possíveis, né? Muitas formas de receber esse impacto grande que foi a pandemia. Acho que é isso. Gostaria de saber só essas duas coisas.

**DJ Bill:** Por eu não participar de bandas, né? De festivais... Então, eu não tenho muito contato, assim, com as pessoas que trabalham

por de trás dos palcos, né? Eu lembro que teve essas campanhas. Inclusive, tinha um produtor de São Paulo que começou a fazer umas Lives para ajudar as pessoas que trabalhavam com ele, que foi o Daniel Ganjaman. Inclusive eu fui convidado por ele para tocar duas vezes na abertura do baile dele. Uma foi há duas semanas atrás. Ele conseguiu patrocínio da Vans, que faz calçados. E ele faz Lives lá na Twitch também. Inicialmente, ele começou a fazer as Lives para angariar fundos para a galera que trabalhava com ele e não tava trabalhando. Eu, por ser um artista muito menor, né? Não tenho o alcance dele. Sei lá, ele tem milhares de seguidores no Instagram, já tem uma carreira consolidada. Uma apresentação dele, uma gravação de discos com ele é uma coisa de alguns milhares de reais! Então, esse não é o meu alcance... para ajudar outras pessoas. Eu consegui ajudar outras pessoas convidando para participar de coisas juntos. Inclusive, fui chamado para um projeto de fazer um festival em que fui curador e convidei pessoas para tocar discos nessas plataformas, com cachê e tal.

A questão da saúde, da saúde física e psicológica... Na pandemia, várias pessoas ficaram muito ruins da cabeça. Eu fiquei um pouco abalado, mas mesmo assim eu me exercitava, cuidava um pouco da minha alimentação. Fazia exercícios, pegava sol. Mas mesmo assim, eu tive crises de ansiedade, tensão, insônia. Trabalhei muito nas madrugadas, porque era um horário silencioso. Mas foi um período bem complicado. Várias pessoas ficaram perdidas nesse processo, né? Muitas pessoas começaram a utilizar remédio controlado para segurar essas coisas... Eu tive um pouco ali, né? De desequilíbrio nisso, mas nada muito grave.

**Frederico:** Nossa! Que bom que para você não foi tão difícil assim. Realmente, para muita gente foi muito difícil mesmo, né? Mas teve muitas gradações. Para mim também foi meio tipo você. Não foi fácil, mas a pior parte acho que já passou, né? A gente conseguiu um pouquinho mais de tranquilidade. Teve momentos mais complexos, vamos dizer assim. Bom te agradeço demais João, pela contribuição muito importante. As coisas que você trouxe, a sua experiência e a sua história. Compartilhar. Bom, acho que é isso. Muito obrigado. Desculpa aí tomar seu tempo, né? Esse tempo precioso que a gente tem, difícil, né? Te agradeço demais pela colaboração.

Você ouviu o **PARA ALÉM DAS LIVES**, podcast criado produzido e apresentado por Frederico Pessoa. Obrigado por nos acompanhar. Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte.

Para mais informações, acesse @paraalemdaslives no Instagram, nossa página no Facebook, ou o nosso site: [www.paraalemdaslives.fredericopessoa.net](http://www.paraalemdaslives.fredericopessoa.net). Até a próxima!

realização



incentivo



CULTURA



**PREFEITURA  
BELO HORIZONTE**

GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA